

Cuba inclina balança na América Latina

Os protestos na ilha ilustram um descontentamento que deriva do criminoso bloqueio dos EUA durante a pandemia. A direita está redobrando sua agressão de Miami e tentando reverter as adversidades políticas que enfrenta na região.

[ArtigosNotícias](#)

21 de julho de 2021

Protestos de opositores realizados na Ilha socialista; a pandemia e o colapso da economia foram agravados pelo pesadelo do bloqueio econômico contra o país. Foto: Cuba Debate

Por Claudio Katz*

Para Página do MST

Os protestos de rua são uma ocorrência diária na América Latina e não são surpresa para nenhum analista. Mas sua erupção em Cuba gerou um impacto incomum devido às consequências dessas marchas para o futuro da região. Todos os atores políticos do hemisfério sabem o que está em jogo na ilha.

O padrão duplo da mídia estava mais uma vez em pleno funcionamento. Mobilizações significativas, mas não maciças, sem vítimas ou danos significativos foram transmitidas com manchetes catastróficas. Nas mesmas telas e nos mesmos jornais, quase não há menção ao assassinato regular de manifestantes na Colômbia, ao tiroteio de jovens cegos no Chile ou ao brutal espancamento de manifestantes no Peru.

A pandemia e o colapso da economia alimentaram o mesmo descontentamento em Cuba que está sendo testemunhado em todos os lugares. Mas estes dois terríveis fardos do ano passado foram terrivelmente agravados na ilha pelo pesadelo único do bloqueio. Nenhum outro país enfrenta a Covid-19 e a recessão com uma restrição tão brutal na aquisição de alimentos, remédios ou peças de reposição. Deve pagar frete ou seguro caros e encontrar financiadores dispostos a lidar com as sanções dos EUA.

Trump apertou o estrangulamento ao obstruir as viagens e remessas de membros das famílias, que Obama havia afrouxado. Biden não mudou este estrangulamento, depois de dirigir uma campanha eleitoral McCarthyist na Flórida. Ele manteve a classificação de Cuba como um Estado terrorista a fim de apertar o cerco na ilha.

Um afogamento premeditado

Cuba sofreu um colapso de 11% do Produto Interno Bruto (PIB) no ano passado. Essa queda furou o chão da depressão aguda sofrida pela América Latina. O desaparecimento do turismo privou o país dos poucos dólares que tinha para sobreviver e o governo foi obrigado a implementar a unificação da taxa de câmbio para levantar dólares. A ilha precisa desses fundos para importar alimentos, medicamentos e peças de reposição.

Como as autoridades não têm muitos mecanismos para obter esses recursos, autorizaram mais operações com o dólar estadunidense.

Esta decisão levou a uma desvalorização que aumentou a inflação e agravou a escassez de gêneros de primeira necessidade. Também aprofundou a desigualdade entre as famílias com e sem acesso ao dólar. Medidas posteriores para mitigar os efeitos do ajuste da taxa de câmbio não compensaram a deterioração do poder de compra.

A fragilidade externa da economia cubana é bem conhecida em todos os países da América Latina. Mas Cuba sofre o peculiar agravamento de um estrangulamento premeditado imposto pelo bloqueio. Os Estados Unidos reforçaram este torniquete no meio da pandemia. Ratificou as sanções contra as empresas pertencentes ao consórcio estratégico estatal GAESA, impôs o fechamento dos serviços da Western Union, reforçou o corte drástico nas remessas e reafirmou a proibição de voos. A cereja no bolo foi o fechamento dos serviços consulares da Embaixada dos EUA por causa de supostos “ataques sônicos”.

Os porta-vozes da Casa Branca apresentam o bloqueio como um embargo justificado. Mas eles não oferecem nenhum argumento para explicar o sufocamento brutal que impõem aos habitantes da ilha. Este cerco contradiz até mesmo os louváveis princípios neoliberais do livre comércio. Eles não podem sequer, alegar a supervivência dos elementos residuais da guerra fria. O bloqueio foi apertado em 1992, 1996 e reforçado pelo Trump com 243 cláusulas adicionais.

Esta engenharia macabra de sanções tem efeitos severos sobre o fornecimento de energia. Cuba conseguiu resistir sem apagões por um tempo, mas a aplicação do Capítulo III da Lei Helms-Burton atingiu duramente o fornecimento de combustível.

Muito mais dramática é a agressão na frente da saúde. Cuba conseguiu lidar extraordinariamente bem com a pandemia durante o primeiro ano, com uma taxa de mortalidade muito baixa por milhão de pessoas. Um país totalmente cercado vacinou 34% da população com mais de 19 anos, com uma dose e conseguiu o incrível feito de criar as duas primeiras vacinas produzidas na região. Ela já obteve autorização para o uso de Abdala e Soberana.

Mas as autoridades foram incapazes de manter a mesma eficácia diante do recente ressurgimento da Covid-19. Alguns especialistas atribuem esta falha à retomada parcial do turismo. Um problema mais crítico é a falta de outros medicamentos e a subexecução dos orçamentos de saúde. Para uma ilha, que importa metade de seus medicamentos básicos, o bloqueio é duplamente criminoso.

O governo norte-americano multiplicou o sofrimento de Cuba no auge da Covid-19 para forçar sua rendição. Ele procura provocar um desastre humanitário a fim de apresentar uma nova intervenção como um ato de socorro. E, assim cria vítimas deliberadamente a fim de se apresentar como um grande salvador. O músico Rogers Waters ilustrou muito bem esta operação, com a imagem de um vândalo que tranca e afoga os proprietários de

uma casa, a fim de apreendê-la com o argumento de que seus habitantes não sabem como administrar a sua moradia.

Biden também obstruiu as doações, e exige canais privados para remessas para a ilha sem qualquer controle por parte das autoridades. Ele coroou esta pressão com a publicação de um infame documento do Departamento de Estado, que apresenta as missões dos médicos cubanos no exterior como um exemplo de “trabalho forçado”.

Este texto denuncia o fato de que os profissionais da ilha são obrigados a cumprir, contra sua vontade, com uma atividade que visa exaltar os méritos do regime. Os escribas em Washington estão tão acostumados à ganância, ao egoísmo e aos maus tratos imperiais que não conseguem conceber a existência de atitudes de solidariedade internacional. Eles naturalizaram o modelo de açambarcamento de vacinas e roubo de remédios consumados por Trump.

Não requer grande sabedoria para compreender as raízes da agitação social em Cuba. Há um acúmulo duro de sofrimento no final de um bloqueio que gera uma privação paralisante.

As forças em disputa

A presença de muitos inconformados com os sofrimentos na ilha é um fato inquestionável. Mas seu grau de representatividade é incerto. Os descontentes convergiram com as forças de direita que seguem um roteiro elaborado em Miami. Esta combinação de diferentes assuntos já foi vista no movimento anterior em San Isidro, em novembro passado.

A presença ativa de uma rede contrarrevolucionária não é segredo. Os direitistas incitam ao ódio, ateiam fogos e patrocinam saques. Eles repetem o padrão de provocações que têm praticado durante anos na Venezuela. O tom violento que está sendo adotado pelos porta-vozes de Miami dentro de Cuba não é apenas relatado pelo governo. Outras forças da oposição também estão denunciando o surgimento de novas versões dos antigos contrarrevolucionários.

Se observarmos as propostas propagadas por esses grupos, sua promoção de um modelo capitalista brutal monitorado a partir da Flórida é óbvia. Eles escondem o fato de que tal regressão levaria à mesma devastação neoliberal que empobreceu a América Latina durante as últimas três décadas. Ao contrário dos simples descontentes, a direita tem planos muito definidos para restaurar o status quase-colonial do passado.

A burguesia nascida em Cuba e que habita no Norte, é um segmento altamente influente do estabelecimento americano. Está totalmente integrada na estrutura imperial e quer recuperar sua propriedade, após recuperar o controle da ilha. Ela não esconde seu ódio e incentiva abertamente a invasão dos fuzileiros navais. O prefeito de Miami, de forma não diplomática, tornou este objetivo explícito quando solicitou uma intervenção com ataques aéreos semelhantes aos realizados no Panamá e na ex-Iugoslávia.

Mas Washington também leva em conta o equilíbrio de incontáveis falhas em tais operações. É por isso que está optando pelo curso mais indireto do bloqueio, na esperança de criar uma crise terminal na ilha. Com uma estratégia cruel de estrangulamento inflexível, espera precipitar um incêndio que derrubará o regime e evitará a carta arriscada da intervenção estrangeira.

Nos últimos meses, a agressão contra Cuba também se intensificou devido à pressão da direita na América Latina. Os líderes deste setor são muito afetados pelas mobilizações de rua e pelas derrotas eleitorais. Seus principais números estão perdendo terreno e receberam golpes significativos no principal país da região (Brasil) e nos três bastiões do zênite neoliberal (Peru, Chile e Colômbia). Bolsonaro, Macri e Duque estão todos pressionando por algum evento de alto impacto contra Cuba, a fim de dissipar o espectro de um novo ciclo progressivo. Eles já começaram sua incursão com uma enorme barragem de notícias falsas nas redes sociais.

A direita está bem ciente de como os eventos na ilha têm feito pender o equilíbrio da região no passado. O triunfo de 1960 inspirou a grande onda de projetos socialistas e a permanência da revolução ajudou a conter o neoliberalismo posterior. Cuba deu apoio às grandes rebeliões e experiências progressistas das últimas décadas e continua sendo um grande obstáculo para as atuais experiências neoconservadoras. A retaguarda cubana funciona como um reservatório para projetos populares em toda a região.

Se a barragem geopolítica que a ilha representa for demolida, não é apenas Cuba que compartilharia as desgraças já sofridas por todo o Caribe. Essa dificuldade significaria a chegada aterrorizante de máfias e traficantes de drogas para destruir uma sociedade educada com uma equidade significativa e um nível aceitável de convivência. O efeito desta demolição sobre o resto da América Latina seria igualmente brutal. Uma ala de direita encorajada multiplicaria imediatamente os golpes, a militarização e a despossessão em toda a região.

A permanência de Cuba, portanto, proporciona um apoio fundamental para a luta dos povos latino-americanos. Este apoio é também uma via de mão dupla e tem influência sobre o futuro da ilha. Uma grande derrota do imperialismo criaria o cenário necessário para resgatar Cuba de seu isolamento. Este contexto tornaria possível a implementação de uma política continental de medidas contra o bloqueio.

A importância de Cuba para qualquer projeto de emancipação latinoamericana ficou mais uma vez evidente nas manifestações realizadas na semana passada fora de muitas embaixadas, em claro confronto com os direitistas. A disputa dentro de Cuba ecoa em muitas cidades latinoamericanas. Os dois campos têm um apoio significativo fora do país.

A maior parte da esquerda regional apoia apaixonadamente a revolução e concentra sua defesa na denúncia do bloqueio. Desmascara as mentiras da mídia, lembrando que este cerco é a principal causa do sofrimento enfrentado pelos cubanos. Qualquer política econômica para superar as adversidades atuais exige a erradicação do assédio externo.

Mas os votos esmagadores contra o bloqueio, que foram recentemente corroborados na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), não são suficientes. É necessária uma pressão constante, generalizada e mundial para dobrar o braço do imperialismo, como aconteceu com a África do Sul do apartheid.

Nem são suficientes as mensagens de condenação verbal. Tais rejeições por López Obrador e Alberto Fernández são importantes, mas devem ser complementadas por doações e envios de mercadorias desaparecidas para a ilha. Um exemplo de tais ações foi a recente campanha para levar seringas para Havana. Contra o pano de fundo da nova agressão, os defensores de Cuba estão começando a romper a rotina e já estão concebendo novas iniciativas contra o bloqueio.

Posições à esquerda



Manifestante com seu cartaz em prol da Revolução Cubana. Foto: Nayá Tawane/Brasil de Fato

Embora os protestos expressem genuína insatisfação, sua expansão não contribui para resolver os problemas da ilha. Como em todas as mobilizações em qualquer parte do mundo, o perfil final dessas marchas não depende apenas das exigências feitas ou de sua massividade.

A experiência internacional tem mostrado como é importante o papel das forças políticas em ação. Até agora, a ala direita intervém com pouca autoridade nestas manifestações, e a disputa com o governo tem sido aberta quanto a quem irá afirmar sua primazia.

Ao afirmar que “as ruas pertencem aos revolucionários”, Díaz Canel traçou um possível terreno para a acusação daquele partido. Mas ele também apelou para o debate e a busca de formas consensuais de superar a situação atual. Ambos os cursos de mobilização e reflexão retomam a tradição semeada por Fidel. Este legado envolve tornar o que está acontecendo transparente, relatar a realidade e colocar o corpo em manifestações em defesa da revolução.

É importante sublinhar à esquerda que as críticas à gestão do governo devem ocorrer no próprio campo da esquerda e não no lado oposto da oposição. Tal questionamento dentro de um processo revolucionário é tão lógico quanto natural e já cobre uma ampla gama de questões.

Há objeções quanto ao momento, implementação e senso das decisões econômicas e também críticas de substituir a batalha política pela simples desqualificação dos descontentes. Eles não são “criminosos” ou “marginalizados” e não é apropriado que suas ações sejam um mero problema de “segurança do Estado”. Muitos manifestantes são apenas vítimas do bloqueio, que perderam a vontade de resistir ao imperialismo.

A prisão de militantes comunistas também tem sido insensata. A luta para atrair e reconquistar os jovens requer recriar a imaginação para trilhar caminhos inexplorados. A revolução precisa retomar a criatividade demonstrada por Fidel para transformar os reveses em vitórias.

Mas qualquer iniciativa para melhorar as respostas no atual cenário complexo só pode prosperar no campo da revolução e nunca do outro lado. A maior parte da esquerda dentro e fora de Cuba está ciente desta posição e apoia sem hesitação a continuidade de uma história épica de seis décadas.

Mas há também outro universo ligado à esquerda que propõe direções diferentes. Considera aconselhável tomar o caminho do meio e questiona com igual força os principais lados da disputa. Este espaço atribuído a uma “terceira posição” inclui, por sua vez, duas variantes principais.

O primeiro campo social-democrata favorece a equidistância de Miami e Havana, usando argumentos semelhantes à teoria dos dois demônios. Ela atribui todos os problemas da ilha ao clima de fanatismo que os extremistas de ambos os setores criaram. Mas, neste curioso ato de equilíbrio, ele tende a esquecer que as forças em confronto não são iguais. Há um poderoso agressor imperial americano, que não tolera o desafio soberano de uma ilha próxima a suas fronteiras.

A visão social-democrática do conflito enfatiza o diálogo como o principal canal para a solução das dificuldades atuais. Mas isso não esclarece a agenda dessas conversações.

Sua posição sobre a restauração total do capitalismo, que os milionários de Miami esperam conseguir desmantelando o sistema político de Cuba, permanece indefinida.

A social-democracia promove em um idioma diferente o mesmo desmantelamento da atual estrutura institucional do país. Ela disfarça este propósito com sua exaltação ritual de “sociedade civil”. De fato, ela defende a introdução de alguma forma do constitucionalismo burguês prevalecente no resto da América Latina. Tal mudança enterraria o instrumento político que por tanto tempo tornou possível resistir à investida do imperialismo.

Os partidários do caminho do meio também desconsideram o perigo dos planos da direita. Eles fecham os olhos, por exemplo, para a brutal desestabilização que sofre Venezuela e ignoram a necessidade de preparar uma defesa. Eles esquecem que a contrarrevolução nunca foi neutralizada com mensagens bonitas.

Esta abordagem social-democrática é complementada por uma segunda variante de posições intermediárias, que reúne as diferentes expressões do dogmatismo de esquerda. Seus porta-vozes se colocam explicitamente no campo dos protestos e enfatizam o caráter legítimo e progressivo dessas marchas. Eles não veem objeção à presença de forças de direita no mesmo terreno e consideram oportuno lutar a partir daí por outro rumo socialista. Mas eles não conseguem desvendar o mistério de como um curso anti-capitalista poderia emergir de um ambiente tão distante a esse objetivo.

Alguns assumem que o universo de oposição não é tão regressivo e até mesmo imaginam o direito como uma força externa que apenas procura “tirar proveito da crise”. Eles não registram seu maior impacto nos eventos atuais. Outros imaginam que a rejeição do capitalismo já está germinando no questionamento de alguns manifestantes sobre os privilégios das “Lojas Especiais”. Eles supõem que isto definiria o caráter geral das mobilizações.

Com tão estranho raciocínio, os dogmáticos descrevem os males econômicos de Cuba, sem fazer propostas sensatas para colocar o país de volta no caminho do socialismo. Eles mencionam o bloqueio de passagem e questionam os efeitos nocivos do turismo. Eles omitem explicar de onde viria a moeda estrangeira para manter as conquistas em saúde e educação.

Os eventos em Cuba não são realmente uma incógnita tão complexa, nem são sem precedentes. Já existe uma experiência esmagadora a ser aprendida nas últimas décadas. Nenhum protesto na Polônia, Hungria ou Rússia levou à renovação do socialismo. Pelo contrário, eles invariavelmente anteciparam a restauração do capitalismo. Se estes precedentes forem levados em conta, o desarmamento do sistema político levaria ao suicídio da esquerda. Longe de abrir as comportas para rejuvenescer o socialismo, ela garantiria a demolição desse projeto por muito tempo.

A batalha em curso

A defesa de Cuba persiste como uma das principais bandeiras da esquerda latinoamericana. Ninguém ainda sabe a extensão deste confronto, mas a comparação que vários analistas fazem com os exilados de Mariel (1994) ilustra a escala da tensão atual. O cenário regional é muito diferente daquele período e os efeitos dessas diferenças são incertos.

Em um momento marcado pelo colapso da União Soviética, pelo impulso agressivo dos Estados Unidos e pela ascensão do neoliberalismo, Cuba surpreendeu o mundo com sua decisão de sustentar o projeto revolucionário. Teve a liderança da Fidel e a solvência de uma geração que havia experimentado grandes triunfos políticos e melhorias sociais.

Um contexto diferente prevalece agora, dominado pela retirada dos EUA, o avanço da China, a crise do neoliberalismo e a renovada disputa regional entre neoconservadores e progressistas. A ilha é governada por outra geração que aspira a continuar a admirável façanha de seis décadas. O resultado desta batalha não pode ser previsto, mas há certezas nos alinhamentos dos adversários. Cuba não está sozinha e os povos da América Latina estão se preparando para defendê-la.

Síntese

Os protestos na ilha ilustram um descontentamento que deriva do criminoso bloqueio dos EUA durante a pandemia. A direita está redobrando sua agressão de Miami e tentando reverter as adversidades políticas que enfrenta na região. O futuro de todos os projetos latino-americanos de soberania, desenvolvimento e igualdade está em jogo na defesa da revolução. Ao contrário das visões social-democratas e dogmáticas, a maioria da esquerda entende este dilema.

*Economista, pesquisador do CONICET, professor da UBA, membro da EDI. Seu site é: www.lahaine.org/katz

**Editado por Solange Engelmann